A LINHAGEM DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE

NO SÉCULO XX: DAS RAÍZES ÀS ÚLTIMAS RAMIFICAÇÕES

THE LINEAGE OF PROTESTANT FUNDAMENTALISM

IN THE 20TH CENTURY: FROM ITS ROOTS TO ITS LATEST BRANCHES

BRENO MARTINS CAMPOS (*)

RESUMO

Fundamentalismo é hoje uma palavra que permite nomear movimentos no campo religioso e fora dele. Nem todas as pessoas conhecem sua origem no interior do protestantismo estadunidense na transição do século XIX para o XX, período em que os autodesignados fundamentalistas lutavam contra as consequências da modernidade que afligiam a igreja: internamente, os desafios do liberalismo teológico e de sua crítica à Bíblia; externamente, os do humanismo secular. Na interação das ideias com as condições materiais de uma época marcada religiosamente por avivamentos, conferências bíblicas e, principalmente, distribuição de material impresso, destacam-se duas publicações fundamentalistas radicais: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, como sistematização das doutrinas inegociáveis do movimento, e *The Scofield Reference Bible*, como veículo de divulgação da teologia dispensacionalista e da escatologia pré-milenarista. Duas produções a evidenciar que, para a hermenêutica fundamentalista, importa sempre voltar ao passado (mesmo que idealizado) e anunciar o futuro como certo. Para demonstrar a validade do que se apresenta, discute-se ainda a publicação da ramificação caçula do movimento, o livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century*, edição original de 2000, simbolicamente para fechar o século XX (e abrir o XXI) com mentalidade muito semelhante à da segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Protestantismo. Fundamentalismo. Hermenêutica. *The Fundamentals*. Scofield.

ABSTRACT

Fundamentalism is currently a word that may be applied to both religious and secular movements. Not all people know its origin within the American Protestantism during the transition from the 19th to the 20th century, a period when the self-proclaimed fundamentalists fought against the consequences of modernity that were besetting the Church: internally, the challenges of theological liberalism and its critique of the Bible; externally, secular humanism. In the interaction between ideas and the material conditions of an era religiously marked by revivals, Bible conferences, and, mainly, the distribution of printed material, two radical fundamentalist publications stood out: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*, as a systematization of the non-negotiable doctrines of the movement, and *The Scofield Reference Bible*, as a means of publicizing Dispensationalist theology and Premillennial Eschatology. Two productions that highlight that, for fundamentalist hermeneutics, at any time, it is important to go back to the past (even if idealized) and announce the future as certain. In order to demonstrate the validity of the argument, we discuss the publication of the younger branch of the movement, the book *The Fundamentals for the Twenty-First Century* (2000), to symbolically close the 20th century (and open the 21th) with a mentality very similar to that of the second half of the 19th century.

KEYWORDS: Protestantism. Fundamentalism. Hermeneutics. *The Fundamentals*. Scofield.

(*)Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestre em Ciências da Religião pela UMESP, bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UNICAMP, bacharel em Teologia pelo SPS (com integralização de créditos e validação de diploma pela EST); professor-pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e na Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas. **E-mail:** <brenomartinscampos@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

Acerca do fundamentalismo no mundo contemporâneo, duas constatações preliminares, mesmo não sendo inéditas, merecem registro. A primeira refere-se à ampliação do campo semântico do termo no transcorrer do século XX. Fora de seu contexto original e para além de seu sentido estrito, fundamentalismo e seus derivados são usados hoje, quase sem mediações explicativas, para designar religiões ou grupos religiosos sem nenhuma relação com o movimento ocorrido no seio do protestantismo nos EUA do final do século XIX e início do XX – caso típico de transmutação de qualificativo de uma religião para outras. Pode ocorrer ainda a laicização de qualificativo religioso: fora do campo religioso, conceitos clássicos adquirem sentido novo e específico ao serem modificados por adjetivação derivada da palavra fundamentalismo – por exemplo, nas expressões *economia fundamentalista* ou *política fundamentalista*, dentre outras possibilidades.

A segunda constatação relaciona-se à teoria dentro da história. Para aqueles que advogam a assim chamada *revanche de Deus*, os anos 70 do século XX podem ser considerados um período de franca manifestação do fundamentalismo no contexto interno das *religiões do livro*. Gilles Kepel (1991, p. 16) é um dos autores que trabalham o assunto e, embora seus pressupostos não sejam assumidos aqui,¹ a imagem construída por ele ilustra o que foi abraçado por parcela significativa da sociedade mundial e da comunidade acadêmica quanto ao fundamentalismo religioso: "1977, 1978, 1979, no decorrer de cada um desses três anos, houve mudanças no judaísmo, no cristianismo e no islamismo"; respectivamente, a chegada dos sionistas ao poder, a eleição de Karol Wojtyla para o papado e a rebelião religiosa no Irã. No que diz respeito ao protestantismo, houve o resgate nos EUA e posteriormente na América Latina de elementos morais e religiosos contra toda forma de racionalismo, socialismo e outras religiões, abrindo espaço para as grandes igrejas de caráter avivalista e para os pregadores eletrônicos e seus impérios de comunicação, com destaque para a entrada dos fundamentalistas na política.

¹ A crítica às teses de Kepel – e do que ele representa para esta discussão – é exposta de modo contundente por Antônio Flávio Pierucci (2001, p. 32) e serve de explicação para a ruptura com a perspectiva *kepeliana*: "Pois me parece que foi assim, contentando-se com o pouco que sobrou para a religião na moderna civilização ocidental – a saber, a esfera privada-íntima, e olhe lá! – que começou a tomar forma entre os cientistas sociais da religião essa atitude mental de valorização simpatizante do 'retorno do sagrado', fenômeno assim nomeado por alguns já na segunda metade dos anos 70 [...], posição que no início dos 90 viria a ser rebatizada com este que eu particularmente reputo um nome de extremo mau gosto, *La revanche de Dieu* [...]. Mau gosto, primeiro, por seu injustificado triunfalismo e, em segundo lugar, pela marca acintosamente abraâmico-monoteísta do seu significante. Do eclipse à reconquista: *chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde*, diz o excludente subtítulo de Kepel".

Apesar da legitimidade dos muitos usos que foram dados ao termo, o fundamentalismo, como mentalidade em movimento, é protestante e nasceu algum tempo antes da década de 70 do século passado. Portanto, aquilo que é apropriado como verdade pelo conhecimento socialmente compartilhado (resultante de um processo de divulgação maciça pelos formadores de opinião), mesmo que replicado por autores e editores vinculados ao saber acadêmico, deve receber tratamento crítico das pesquisas científicas a fim de se produzir conhecimento mais rigoroso, tanto para o campo científico como para o grande público. É por isso que o objetivo deste artigo é não perder de vista as intenções primeiras – radicais, em sentido etimológico – do fundamentalismo e do contexto em que o termo foi cunhado e aplicado. Em paralelo, faz-se notar que um qualificativo utilizado com orgulho pelos próprios proponentes, posto que vinculado a uma cosmovisão religiosa particular, transformou-se em adjetivação de caráter negativo, dentro do campo religioso ou fora dele. Ainda assim e contra toda expectativa, há grupos hodiernos que se definem como fundamentalistas e outros que, mesmo sem utilizar a designação, mantêm a cosmovisão e a mentalidade como herdeiros dos fundadores.

Para oferecer uma porta de entrada ao fundamentalismo protestante, das origens aos descendentes mais recentes, por meio da leitura de alguns de seus principais produtos impressos, que evidenciam uma hermenêutica bíblica tipicamente ultraconservadora, este artigo apresenta-se como resultado parcial de pesquisa *qualitativa* no que diz respeito ao procedimento de análise, principalmente porque a compreensão do assunto em sua profundidade tem proeminência em relação a seu controle e extensão. Além disso, pretende-se que a discussão construída aqui contribua para a geração de novas ideias e questões – uma vez que a preocupação com objetividade e generalização pode ser relativizada em função da possibilidade de uma compreensão mais densa do objeto. Definida a natureza qualitativa da abordagem que se propõe, cabe ainda registrar que, quanto aos tipos básicos de investigação, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes podem ser consideradas primárias, escritos e documentos originais do fundamentalismo (passados e contemporâneos), e secundárias, o conjunto dos textos dos comentadores utilizados.

1 ORIGEM DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE

Relacionar fundamentalismo a certas mentalidades do século XX significa, antes de tudo, compreender que o movimento foi uma *reação moderna à modernidade*, segundo critérios que diferenciam a reação fundamentalista

original à modernidade, na forma de um movimento protestante com suas produções simbólicas e materiais, de outras respostas mais recentes, não necessariamente protestantes, na forma de atentados, golpes políticos, terrorismo e outros atos afins. O principal adversário de fora do campo religioso contra as convicções das comunidades protestantes ultraconservadoras foi o desafio imposto pela ciência. Como exemplo mais forte, o caso de o *darwinismo* haver oferecido concorrência ou alternativa à explicação bíblica para as origens da vida como nunca antes na história do cristianismo. Conclusão a que chega o fundamentalista como resultado necessário de sua hermenêutica: *ciência boa é somente a que confirma a Bíblia*. Os adversários internos ao campo religioso protestante foram aqueles que, associados ao liberalismo teológico e ao modernismo dentro das igrejas, com destaque para a *alta crítica* na interpretação dos textos bíblicos, propuseram o estudo da Bíblia com base na crítica histórica e literária. Vale apontar que as respostas aos desafios para as comunidades de fé em suas convicções – tanto os internos como os externos – foram, elas mesmas, ato de fundação do movimento.

Como herança intelectual da filosofia do senso comum, há na base epistemológica do fundamentalismo protestante a aceitação de que o conhecimento está ao alcance de qualquer pessoa.

O conhecimento de uma certa verdade não depende de outros conhecimentos filosóficos ou da interposição de 'ideias': é democrático, não-elitista e está ao alcance de todos. A realidade é diretamente acessível e sua compreensão não depende de mediações (VELASQUES FILHO, 1990, p. 116).

Não por acaso, trata-se de um movimento religioso que, desde os primórdios, pressupõe e propõe um retorno às convicções básicas do cristianismo – espécie de verdade que está acessível e pode ser reconhecida pelas pessoas.

A inerrância das Escrituras é a base de sustentação dos dogmas fundamentalistas, tanto dos centrais como dos periféricos, pois a defesa da historicidade e legitimidade do cristianismo depende de uma argumentação cíclica: a Bíblia é verdadeira porque ela afirma ser verdadeira. Raciocínio garantido justamente pelo truísmo da inerrância ou infalibilidade. Se a Bíblia está certa quanto à história da salvação, ela não pode estar errada em nada, pois "se um único erro de fato ou princípio for admitido na Escritura, nada – nem mesmo a obra redentora de Cristo – é certo" (AMMERMAN, 1994, p. 5; tradução do autor).

Por apropriação de oportuna categoria weberiana, o fundamentalismo pode ser tomado como resultante de *afinidades eletivas*² entre as condições materiais e as perspectivas espirituais ou mentais (no caso, religiosas) de uma nação e de um período histórico: os EUA a partir das décadas finais do século XIX. É assim que Nancy Ammerman (1994) trata das imbricações entre as condições históricas nos EUA e o advento do fundamentalismo: foi em cidades industrializadas que o modelo conservador do protestantismo sofreu um duro golpe, pois um centro urbano é o *locus* privilegiado não somente de um pluralismo de fé e estilos de vida, mas também de uma complexa divisão do trabalho, na qual a religião acaba sendo absorvida. Não que a religião tivesse deixado de existir em cidades grandes e complexas, ocorreu que ela foi separada da vida pública; foram as cidades e os desafios de seu estilo de vida à religião que exigiram a resposta fundamentalista do protestantismo conservador. A autora destaca ainda quatro condições materiais nos centros industrializados dos EUA em cruzamento com o ideário da teologia fundamentalista e sua ética: os reavivamentos, as conferências bíblicas e proféticas, os institutos bíblicos e o mundo da palavra impressa.

Por ser uma das religiões *do livro*, o cristianismo está baseado na teologia da revelação, trata-se, portanto, de uma religião revelada. Não por acaso, para o protestantismo, desde o movimento da Reforma do século XVI, o retorno às Escrituras apresenta-se como item inegociável. Lutero e outros reformadores, na função de exegetas e hermeneutas do cânon, não somente voltaram aos textos (para além da tradição e da autoridade eclesiástica), mas trataram de produzir também seus próprios textos, cuja divulgação foi amplamente facilitada, em relação a períodos anteriores, pelo advento da imprensa. Do mesmo modo, os fundamentalistas estadunidenses do século XX propuseram um retorno reformista aos textos canônicos e foram distribuidores incansáveis de suas próprias produções impressas.

Dois *textos* originários do fundamentalismo são objetos privilegiados para a compreensão do movimento: *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* (90 capítulos distribuídos em 12 volumes, publicados de 1910 a 1915) e a *Scotfield Reference Bible* (uma edição anotada da Bíblia, publicada pela primeira

² Segundo Michael Löwy (p. 142, 2011), "Weber não define o conceito; todavia, podemos propor a seguinte definição, com base no uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa".

vez por Cyrus Ingerson Scofield em 1909).³ Sem eles o fundamentalismo certamente não teria alcançado sucesso nos EUA e muito menos no restante do mundo. Pela leitura crítica desses dois documentos teológicos, pode-se compreender as especificidades hermenêuticas do fundamentalismo, notadamente quanto à origem (*criação*) e ao fim da história (*escatologia*).

Como ocorre quanto aos começos da história, assim também quanto aos fins: a maioria dos fundamentalismos propõe visões bem precisas do final e juízos bem precisos sobre ele. A filosofia substantiva da história [...] trata do futuro como se já tivesse acontecido, pelo menos o suficiente para dar colorido à interpretação do tempo intermediário (MARTY, p. 22, 1992-1993).

Como contraponto – melhor, como complemento –, compreender a linhagem do fundamentalismo por suas produções impressas significa dedicar atenção também às publicações recentes, cuja representação mais exemplar talvez seja o livro *Os fundamentos para o século XXI*: examinando os principais temas da fé cristã – edição brasileira, de 2009, do livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century: Examining the Crucial Issues of the Christian Faith* (EUA, 2000). Se no transcorrer do século XX muitos fundamentalistas herdeiros do primeiro movimento preferem ser chamados por outros nomes, por exemplo, *evangélicos conservadores*, como destaca Ivo Pedro Oro (1996), nem todos agem assim, pois há ainda os que se designam fundamentalistas com o mesmo orgulho dos pais fundadores.

Como já está claro, não é correto imaginar que o fundamentalismo vai ser encontrado somente do lado de fora da tradição cristã protestante, quer dizer, na religião *do outro*. Portanto, faz-se necessário considerar que *a mesma palavra* ainda dá nome à mesma coisa. Acompanhar a linhagem do fundamentalismo é perceber que o filho mais recente e legítimo do movimento original é um livro (na verdade, por similitude, uma coletânea de textos) que assume, como herdeiro, a mesma hermenêutica bíblica do início do século XX, quer dizer, a história começa literalmente no Éden e terminará de maneira bem específica no Juízo Final.

³ A presença de Scofield foi importante também em *The Fundamentals*. Seu nome aparece em três seções diferentes. A primeira é o artigo "The Inspiration of the Bible – Definition, Extent and Proof", primeiro capítulo do volume III, escrito por James M. Gray. A segunda é sua própria contribuição autoral para a coletânea *The Fundamentals*, o artigo "The Grace of God", terceiro capítulo do volume XI da série, no qual é apresentado, dentre outras credências, como editor da *Scofield Reference Bible*. A terceira, no último volume da série, é aquela em que sua Bíblia de referência aparece citada em duas listas, de autores diferentes, acerca dos livros indispensáveis para o pastor ou obreiro cristão (na mesma seção em que o próprio Scofield foi convidado a indicar sua lista).

2 PRODUTOS IMPRESSOS DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE

Ao longo de uma história já secular de existência e reprodução, a coletânea *The Fundamentals* apresenta, pelo menos, três momentos dignos de nota quanto a sua edição: o primeiro é o da publicação original em 12 volumes, de 1910 a 1915, como um dos atos fundantes do movimento; na sequência cronológica quase imediata, o segundo é o da edição de 1917, em quatro volumes, com os mesmos artigos da anterior, organizados em cinco seções temáticas; e o terceiro é o da edição de 1958, produzida por Charles L. Feinberg, dentre outros que participaram do projeto de atualização do material, e pela *Biola University* (antigo Instituto Bíblico de Los Angeles, informação que não é de se desprezar, em virtude de se tratar de um centro pioneiro de produção, financiamento e divulgação da teologia fundamentalista), cujo título foi fixado, na reedição de 1990, como *The Fundamentals: the Famous Sourcebook of Foundational Biblical Truths* – ao passo que *Fundamentals for Today* foi o sintomático título original utilizado em 1958.

Interessa destacar que as edições de 1910-1915 e 1917 não tiveram tradução para o português publicada por editora brasileira. A de 1958, por sua vez, foi publicada integralmente no Brasil, em 2005, pela Editora Hagnos, com base na reedição estadunidense de 1990, com o seguinte título: *Os fundamentos*: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. Trata-se de um livro com 66 artigos (em 64 capítulos), dentre os 90 da coletânea original do início do século XX. Quanto à questão hermenêutica, fica evidente que a legitimação dos posicionamentos fundamentalistas vem do passado ou de sua idealização: os fundamentos são sempre os mesmos, basta republicá-los. Os *fundamentos* são sempre *para hoje*.

Publicada originalmente em 1909, a *Scofield Reference Bible* também foi reeditada em 1917, após passar por revisão feita por um comitê consultivo e pelo próprio autor. Posteriormente, em 1967, foi publicada outra versão, depois dos trabalhos de mais um comitê revisor. A primeira edição brasileira em português, de 1983, com o título *A Bíblia de Referência de Scofield*, foi publicada pela Imprensa Batista Regular, com base na edição em inglês de 1967. *Bíblia de Estudo Scofield* é o título da edição publicada no Brasil desde 2009 pela *Holy Bible* (selo editorial da *Bompastor Editora*), que é também uma versão da edição estadunidense de 1967.

Ainda que de passagem, há uma questão histórica que não pode ficar sem registro. Embora os próprios fundamentalistas advoguem que os textos

inspirados da Bíblia – portanto, inerrantes e infalíveis – sejam somente os autógrafos (escritos pelos autores originais), a publicação brasileira d'A *Bíblia de Referência de Scofield*, em 1983, causou polêmica em círculos fundamentalistas por se valer da tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada (da Sociedade Bíblica do Brasil), considerada, por eles mesmos, modernista e infiel aos melhores manuscritos. Mais recentemente, o problema interno ao campo fundamentalista brasileiro foi resolvido pela adoção da tradução Almeida Corrigida Fiel (da Sociedade Bíblia Trinitariana do Brasil) como a versão do texto canônico para a Bíblia anotada.

Como se vê, até mesmo por polêmicas relacionadas a questões de tradução, o dogma da inerrância das Escrituras conduz o fundamentalismo a uma especificidade hermenêutica, a da interpretação *mais literal* possível do texto, não em sentido técnico, mas com o intuito de abalizar construções mentais e teológicas que permitam a posse e o anúncio de uma única verdade. Como a leitura da Bíblia (literalista) está imbricada com certa leitura do mundo (puritana, para a maioria dos fundamentalistas do primeiro movimento e de seus herdeiros), para compreender a mentalidade fundamentalista interessa a leitura dos textos em *The Fundamentals* e na *Scofield Reference Bible* que tratam da origem e do fim do mundo – ou, por paralelismo, da origem e fim da história. Noutros termos, como o literalismo na interpretação dos textos acerca da criação da vida e do fim do mundo interfere na conduta histórica do fiel e da comunidade de fiéis, o assim considerado *tempo intermediário* (o presente) fica determinado pelo passado e pelo futuro – idealizados doutrinária e dogmaticamente.

Como o sentido do termo fundamentalismo, no caso religioso, possui hoje uma repercussão social muito mais negativa do que positiva, para não dizer somente negativa, pode parecer anacrônico e sem sentido que, decorrido um século das publicações originais, ainda existam protestantes que se autodenominem, nem que seja a contragosto, fundamentalistas e que se vinculem como herdeiros àqueles que erigiram primeiramente seu testemunho da verdade. Como de fato eles existem, importa também que seus textos sejam conhecidos, com destaque para o já citado livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century*, filho caçula dentre as obras impressas da linhagem fundamentalista. O exame de seu teor permite a compreensão de como pensam e agem os fundamentalistas hoje (nos EUA e em outros lugares, inclusive na grande parte do campo evangélico brasileiro em que suas ideias tiveram ampla penetração).

Mal Couch, o editor geral do livro, argumenta no prefácio que os fundamentos lançados pela primeira geração de fundamentalistas devem sempre ser resgatados e que, no seguimento de suas ideias e do próprio modelo de publicação, os artigos ou capítulos que compõem seu livro mereceram vir à luz em resposta aos novos adversários da verdade que foram criados no transcorrer do século XX (sequer imaginados pelos pais do movimento). Ainda assim, Couch (2009, p. 12) assume dois aspectos em que a obra editada por ele se diferencia da coletânea *The Fundamentals*:

Em primeiro lugar, porque a enorme confusão cultural que irrompeu nos últimos cinquenta anos exige um esforço enérgico em direção à aplicação dos princípios bíblicos fundamentais nos assuntos sociais e culturais hodiernos. Segundo, este volume assume deliberadamente uma posição teológica pré-milenarista e pré-tribulacionista quanto ao arrebatamento. Esta posição parece ser evidente na maioria dos autores que organizaram e editaram o primeiro livro. O movimento fundamentalista cresceu de maneira notória a partir desse trabalho ao adotar essas doutrinas com relação à segunda vinda de Cristo.⁴

Quanto à questão das origens do mundo e da vida, nenhuma dúvida: fundamentalistas da primeira geração e seus herdeiros teológicos respondem com a doutrina da *criação especial* e suas variações; no que se refere à escatologia, as certezas, mesmo as fundamentalistas, não são tão unânimes assim. Por um lado, se se tomar por base a presença de Scofield em *The Fundamentals* e em *The Fundamentals for the Twenty-First Century*, bem como a ampliação e aceitação da discussão milenarista na publicação do final do século XX, pode-se mesmo dar razão a Couch ao afirmar que o pré-milenarismo cresceu – e triunfou – no fundamentalismo ao longo do século passado, fazendo a cabeça de milhões e milhões de fiéis evangélicos no mundo todo. Por outro lado, nem todo fundamentalista é pré-milenarista, pois a teologia escatológica não milenarista (*amilenismo* ou *amilenarismo*, como se diz) ocupa também os mesmos círculos fundamentalistas dos discursos milenaristas. Pode-se afirmar, portanto, que a crítica ao liberalismo teológico, adversário interno do protestantismo conservador desde o século XIX, não incluía como resultado necessário a escatologia pré-milenarista. Os adeptos da corrente minoritária nos dias de hoje podem considerar-se herdeiros de um grande sistematizador do pensamento conservador e fundamentalista, o teólogo John Gresham Machen

⁴ A escatologia pré-milenarista pré-tribulacionista é aquela que, baseada na divisão da história em dispensações, da criação do mundo ao retorno de Cristo, defende como evento literal o arrebatamento da igreja, antes da tribulação, para a instauração do milênio (também um período histórico-literal de *mil anos*).

(2012), da *Velha Escola* de Princeton, para quem as profecias na Bíblia não definem tão veementemente os eventos futuros como seus companheiros pregavam.

3 HERMENÊUTICA DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE

Como já foi apontado, a compreensão da linhagem do fundamentalismo protestante – nos EUA ou em qualquer outra região do mundo em que ele se faça presente, inclusive no Brasil – deve passar pelo retorno à leitura dos textos fundamentalistas primários, como resposta doutrinária aos desafios do contexto histórico em tempos de modernidade, e também pela apreciação de algumas das produções contemporâneas a fim de se construir uma interpretação mais completa e adequada do movimento, pois sua árvore genealógica ramifica ainda hoje. Mesmo assim, impõe-se uma ressalva: a volta aos textos do passado e o exame das produções mais recentes nunca devem ocorrer no sentido pretendido pelo próprio pressuposto fundamentalista quanto à leitura dos textos sagrados, ou seja, para deixar que *eles falem por si mesmos*, pois não há texto sem leitor ou sem a interpretação e os riscos advindos dela.

Acho que vivemos numa época em que todo mundo sabe que, sejam quais forem os domínios do saber, seja a filosofia, seja uma ciência humana ou ciência exata, sempre dependemos de uma linguagem. Nosso conhecimento é sempre interpretativo, pois não temos acesso direto à verdade. Se tivéssemos acesso direto à verdade, então... não haveria mais comunicação possível (GEFFRÉ, 2004, p. 93-94).

Discutir criticamente o fundamentalismo, portanto, é assumir sempre uma localização fronteiriça – de onde se fala –, pois no campo científico (ou em qualquer outro) o discurso e a postura fundamentalistas, tomados aqui em sentido amplo, também estarão presentes. Haverá sempre um risco (a ser evitado): discutir o fundamentalismo pode vir a ser também uma postura fundamentalista.

Se vamos reagir, precisamos ter cuidado para não execrar as pessoas que não pensam como nós. [...] Com certeza, teremos de nos opor, mas sempre estendendo pacientemente as mãos para o diálogo, para que, em nosso pensamento e em nossa prática, não nos tornemos a imagem do outro refletida no espelho (SCHWEITZER, 2001, p. 42).

Segundo o axioma necessário da inerrância bíblica e de seu corolário que é a leitura mais literalista possível dos textos bíblicos, a pergunta de um fundamentalista é sempre a mesma: "como *você* pode ler o texto que *eu* leio e

não chegar à mesma compreensão que eu?" (MARTY, p. 18, 1992-1993). No caso da compreensão do passado, desde o início das eras, tudo só pode ter ocorrido conforme o registro do livro de Gênesis e seus congêneres bíblicos, pois há somente uma leitura possível para cada texto. No caso do futuro, quer dizer, da interpretação dos acontecimentos por vir, inclusive daqueles *para além da história*, pode-se esperar o mesmo esquema mental e hermenêutico: os fatos se darão conforme a interpretação fundamentalista, noutros termos, é como se já tivessem acontecido, pois já ocorreram na leitura literalista do texto.

Fundamentalistas não leem simplesmente a Bíblia para aprender história ou princípios morais. Eles também esperam encontrar nas Escrituras indícios para o destino futuro do mundo, o que acontecerá no Final dos Tempos. No início do movimento fundamentalista, tradicionalistas que estavam preocupados com as Escrituras e doutrina estavam estritamente ligados a pessoas que estavam preocupadas com a interpretação das profecias da Bíblia. O legado dessa conexão é que hoje muitos fundamentalistas são "pré-milenaristas dispensacionalistas pré-tribulacionistas" (AMMERMAN, 1994, p. 6; tradução do autor).

Os indícios citados por Ammerman já haviam sido transformados em certezas por Scofield e outros autores, antes e depois dele. James Barr (1984) vai mais longe nos argumentos ao classificar aquilo que fizeram, por exemplo, John Darby⁵ e Scofield como uma interpretação *particular* (ou *privada*) dos textos bíblicos, especialmente os proféticos; ele acusa Darby de ser individualmente o inventor do pré-milenarismo dispensacionalista – teologia, inclusive, que se colocou desde sempre em rota de colisão contra todas as principais tradições de interpretação bíblica dentro do cristianismo. Scofield e seu grupo, por sua vez, possibilitaram a popularização desta interpretação particular; e foi assim que um fenômeno tipicamente estadunidense ganhou contornos mundiais.

Na *Bíblia de Estudo Scofield* (2009, p. 3, n. 15) sustenta-se a teologia do *dispensacionalismo*, que divide arbitrariamente a história (passado, presente e futuro) em sete dispensações,⁶ cada qual como "um período de tempo durante o qual o homem é posto à prova em sua obediência a certa revelação específica da vontade de Deus". A teologia dispensacionalista, fixada *aprioristicamente*

⁵ O inglês John Nelson Darby foi sem dúvida uma grande influência para Scofield; foi ele que inicialmente levou aos EUA a ideia apocalíptica de pré-milenarismo a sustentar "que Cristo voltaria à Terra *antes* de fundar seu reino de mil anos" (ARMSTRONG, 2001, p. 164). Darby foi ainda mais categórico em sua teologia do dispensacionalismo: nela, a história da salvação está dividida (por Deus) em sete provas (dispensações) pelas quais a humanidade deve passar até a chegada do Reino de Deus. "Cada dispensação chega ao fim quando os seres humanos se tornam tão malvados que Deus tem de puni-los" (ARMSTRONG, 2001, p. 164).

⁶ As sete dispensações e suas respectivas referências bíblicas são as seguintes: da *Inocência* (Gn 1.28), da *Consciência* ou *Responsabilidade Moral* (Gn 3.7), do *Governo Humano* (Gn 8.15), da *Promessa* (Gn 12.1), da *Lei* (Êx 19.1), da *Igreja* (At 2.1) – que é a atual – e do *Reino* (Ap 20.4).

dentro do esquema mental fundamentalista, impede ou invalida a possibilidade hermenêutica, tanto a do texto como a da história.

Segundo as teologias fundamentalistas [...], a revelação, sendo eterna, é acontextual e, portanto, contém em si mesma todas as possíveis necessidades históricas, assim como todos os acidentes que conduziram à sua emergência. Em suma, uma história *dentro* da religião (SANTOS, 2014, p. 43).

O fundamentalismo não é uma igreja ou denominação, o que não impede algumas delas de explicitar em seu nome o designativo *fundamentalista*; antes de tudo, trata-se de uma mentalidade com desdobramentos concretos na sociedade (talvez seus efeitos políticos sejam os mais vistos e comentados na contemporaneidade). Ele é difuso, no sentido de não circunscrito, há milhões e milhões de cristãos espalhados pelo universo evangélico que enxergam o mundo e vivem nele de acordo com a teologia fundamentalista. Segundo Edward E. Hindson (2009, p. 26),⁷ na introdução do livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century*, "o fundamentalismo sustenta que a fé do cristão e seu estilo de vida específico opõem-se à sociedade secular que o rodeia". Pelo menos na versão analisada aqui, a dos fundamentalistas que produzem textos, esta *oposição à sociedade secular* configura-se num movimento reacionário, dos primórdios até hoje, mas não necessariamente beligerante no sentido de produzir violência física contra seus adversários – o que não serve para diminuir os efeitos graves de sua violência simbólica.

Dentre os fiéis fundamentalistas distribuídos por todo o mundo cristão-evangélico, como já foi apontado, boa parte abraçou o dispensacionalismo pré-milenarista e sua hermenêutica como filosofia da história, quer dizer, como *de fato* as coisas foram (desde a criação) e ainda serão (escatologia) – a obra *The Fundamentals for the Twenty-First Century* está aí para confirmar a proposição. Ao concluir o prefácio do livro, o editor-geral Mal Couch (2009, p. 12-13) revela suas expectativas (mesmo as negativas) em forma de desafio, o que é bem próprio ao discurso religioso:

Os colaboradores deste livro não acreditam serem eles mesmos profetas, como quem tenha recebido uma revelação direta de Deus, como o foram Isaías ou Ezequiel. Mas, na expectativa da vinda iminente de Cristo, confiamos em que a futura geração poderá levar a sério este chamado para uma fé bíblica mais

⁷ Em resenha crítica do livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century*, embora sem deixar de ser religiosamente comprometida, James A. Borland (p. 749, dez. 2001; tradução do autor) opina que, na comparação com os textos do início do século XX em *The Fundamentals*, os do final não podem ser considerados de mesma grandeza e impacto: "Por outro lado", afirma ainda, "alguns dos capítulos são excelentes. Os melhores incluem a introdução histórica de Hindson e seu capítulo sobre o nascimento virginal [de Cristo]".

profunda. cremos que a apostasia sobrevirá à igreja, mas também cremos que, pela graça, de Deus, um remanescente não fará parte dessa apostasia.

Quanto pior, melhor: parece claro o raciocínio fundamentalista de que o mundo deve mesmo entrar em tempos maus, pois assim virá o fim, só assim ocorrerá a instauração da última e definitiva dispensação. Como a hermenêutica fundamentalista propõe uma vida na perspectiva do fim iminente – em qualquer tempo da história – e que, no meio da apostasia, sempre haverá, como houve no passado, um resto a defender e testemunhar a verdade, eles publicam e distribuem seus textos, fazem suas conferências, põem em funcionamento seus seminários e institutos bíblicos, pregam suas mensagens por meio de emissoras de rádio e canais de televisão, marcam presença na *internet*, ingressam no cenário político. Quer dizer, ocupam com força espaços na arena pública, na qual a possibilidade de comunicação, referida antes por Geffré, fica totalmente prejudicada, pois a certeza fundamentalista de possuir a verdade conduz qualquer relação à tentativa de conversão do outro. Foi o que ocorreu ao longo do século XX – e parece não ter hora para acabar, a despeito de todas as profecias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recrudescimento fundamentalista no mundo, da década de 70 do século passado até os dias de hoje, é uma *coisa*: no protestantismo, como já foi apontado, o caso pode ser evidenciado por uma adesão maciça de pastores e obreiros cristãos ao modelo do televangelismo, bem como pela entrada de agentes religiosos na política, não somente nos EUA, depois de um hiato de mais ou menos meio século, contado simbolicamente desde o evento batizado de *o julgamento do macaco* (1925).⁸ Proposição que não pode ser entendida como se as outras representações de fundamentalismo protestante houvessem cessado no período – aliás, nem mesmo seus textos deixaram de ser escritos, publicados e distribuídos. *Outra coisa* é reduzir a investigação crítica do fenômeno *fundamentalismo protestante* aos eventos das últimas décadas do século XX – juntamente com outros acontecimentos batizados de fundamentalistas no cristianismo católico-romano, judaísmo e islamismo.

⁸ Ação movida pelo estado do Tennessee (EUA), no ano de 1925, contra o professor de biologia John Thomas Scopes, acusado de desrespeitar a lei que proibia o ensino do darwinismo (teoria da evolução) nas escolas públicas. O julgamento, ocorrido em Dayton, durou 11 dias e terminou com o professor condenado a pagar multa em dinheiro (US\$ 100,00). "Na apelação, a Suprema Corte do Tennessee desconsiderou a multa por um detalhe jurídico, mas considerou a lei constitucional. De um ponto de vista legal o resultado foi inconclusivo, mas como foi apresentado ao mundo pelo jornalista sarcástico H. L. Mencken, e mais tarde pela Broadway e Hollywood, o 'julgamento do macaco' foi um triunfo de relações públicas para o darwinismo" (JOHNSON, 2008, p. 17).

Como porta de entrada ou chave de leitura para a compreensão dos *fundamentalismos* em geral, o objetivo deste artigo é o de chamar a atenção para a compreensão do *fundamentalismo* em particular, não como mais um dado da revanche do sagrado em um mundo desencantado, antes, como uma resposta propriamente religiosa aos desafios que a modernidade impôs às comunidades de fiéis. Portanto, os estudos acerca do fundamentalismo só têm a ganhar se começarem pela contextualização do conceito em suas origens, período em que o fundamentalismo protestante apresentou-se ao mundo, depois de razoavelmente organizado, por meio de seus discursos – tanto para o público interno, as denominações protestantes, como para a sociedade secular –, que alcançaram sua maior penetração por meio dos produtos impressos.

A compreensão do fundamentalismo, segundo as pretensões desta pesquisa, não deve ser tomada como complacência, no sentido de alguém que, mesmo sem concordar com o outro, aceita seu ponto de vista teórico (teológico, no caso) e os desdobramentos sociais dele; não significa, portanto, uma espécie de tolerância frouxa e sem engajamento, até mesmo com o objetivo – às vezes, não declarado – de se livrar do outro e do incômodo que ele representa. O desconforto está dado e o debate quanto ao fundamentalismo não pode mais ser calado; a resistência ao fundamentalismo não é necessariamente intolerância. À vista disso, a compreensão que se espera alcançar está ligada, teórica e empiricamente, ao sentido das mentalidades e ações dos grupos fundamentalistas – neste artigo, os fundamentalistas protestantes –, quer dizer, por que pensam como pensam (ou creem como creem) e agem como agem.

Compreender o sentido da história – dentro da religião, como propõe Santos (2014) – na perspectiva fundamentalista é estar atento ao fato de que os ramos mais recentes do movimento, tanto os textos, aqui representados pelo livro *The Fundamental for the Twenty-First Century*, como os atos políticos que fecharam o século XX não surgiram por geração espontânea. Dentro do projeto fundamentalista, foram trazidos à luz para alcançar o público interno (textos) e externos (passagem ao ato político), como um dia, cerca de 100 anos atrás, os textos fundantes foram capazes de fazer. Procurou-se demonstrar, portanto, que toda preocupação com a compreensão do fundamentalismo – pelo menos o protestante – deve levar em conta a hermenêutica escriturística e histórica evidenciada em *The Fundamentals* e nas notas da Bíblia de Scofield. Se um dia, tais textos foram uma reação mental (teológica) a condições históricas e materiais, ao longo do século XX, sua linhagem teológica foi capaz de construir uma realidade, que se tornou concreta para milhões de pessoas ao

redor do mundo – e que dá conta, inclusive, do que vai ocorrer para além da história. Fundamentalistas vivem para testemunhar sua verdade: a verdade do outro está aí para ser ou convertida ou eliminada – o que não deixa de ser a negação da condição humana para aquele que pensa de forma diferente.

REFERÊNCIAS

- AMMERMAN, Nancy T. North American Protestant Fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. **Fundamentalisms observed**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. p. 1-65.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BARR, James. **Beyond Fundamentalism**. Philadelphia: The Westminster Press, 1984.
- BÍBLIA de Estudo Scofield**. São Paulo: Holy Bible, 2009.
- BORLAND, James A. Review: *The Fundamentals for the Twenty-First*: Examining the Crucial Issues of the Christian Faith. **Journal of the Evangelical Theological Society**, v. 44.4, p. 748-749, dez. 2001. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1016&context=sor_fac_pubs>. Acesso em: 18 ago. 2014.
- COUCH, Mal. Prefácio. In: COUCH, Mal. (Ed.). **Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 11-13.
- GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HINDSON, Edward E. Introdução: O significado histórico de *Os fundamentos*. In: COUCH, Mal (Ed.). **Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 15-33.
- JOHNSON, Phillip E. **Darwin no banco dos réus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- LÖWY, Michael. Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber. **Plural**, v. 17.2, p. 129-142, 2001. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/17_2/v17n2_traducao.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- MACHEN, John Gresham. **Cristianismo e liberalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.
- MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo? Perspectivas teológicas. **Concilium**, n. 241, p. 13-26, 1992-1993.
- ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. In: SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca; PORTO, Maria Stella Grossi (Orgs.). **A contemporaneidade brasileira: dilemas para a imaginação sociológica**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p. 27-67.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: **FUNDAMENTALISMOS, integrismos: uma ameaça aos direitos humanos**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 31-42.

VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do "racismo" confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 111-131.

*Recebido em 13/09/2014
Aprovado em 03/11/2014*